

ESPORTE INCLUSIVO NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: IMPACTOS BIOPSIKOSSOCIAIS DO PROJETO BCR CESTOU-ESEF

BRUNO GALHO BRAGA¹; MARIO RENATO DE AZEVEDO JÚNIOR²

¹Universidade Federal de Pelotas – brunogalhobraga@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mrazevedojr@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As pessoas com deficiência (PCDs) já não passam despercebidas pela sociedade. Segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2022, entre as 198,3 milhões de pessoas no Brasil com 2 anos ou mais de idade, 14,4 milhões se enquadram como PCDs, o que corresponde a 7,3% da amostra total. A visibilidade vem se tornando cada vez maior, haja visto exemplos de repercussão nacional, como o caso de Ivan Baron, jovem potiguar diagnosticado com paralisia cerebral, membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável (CDESS) que participou da cerimônia de posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em janeiro de 2023.

Em contrapartida, quando a discussão entra no âmbito da sociedade geral e de oportunidades no cotidiano, o *script* sofre grave revés. Enquanto a taxa de analfabetismo em pessoas sem deficiência atingiu 5,2% em 2022, este número cresceu para 21,3% em PCDs, aumento significativo de 400% (IBGE). Ainda no que tange à Educação, pessoas com deficiência apresentaram menor índice de conclusão do ensino fundamental (63,1% contra 32,3% em pessoas sem deficiência), e menores estatísticas no que diz respeito à conclusão do ensino superior (7,4% contra 19,5%, segundo o IBGE). Tendo em vista a precariedade de acesso das pessoas com deficiência à escolarização, faz-se relevante a reflexão no que tange à oportunização de práticas corporais quaisquer a esse público, posto que o primeiro contato da população em geral com a atividade física e o movimento se dá no meio escolar, práticas essas que possuem séries de benefícios à saúde das pessoas em geral, mas mais ainda para as PCDs, visto que a atividade física tem o potencial de impactar positivamente a autoestima, por exemplo, dessa população em especial (ALHUMAID, 2024). Vê-se que ainda há considerável margem para avanços em questão de promoção de equidade de oportunidades para pessoas com deficiência no Brasil.

Em vista disso, surge a universidade pública e suas possibilidades de ação no meio social, visando um objetivo principal que dialoga com as necessidades cada vez mais emergentes das PCDs: aproximar o meio acadêmico e o conhecimento científico da população geral. É desta necessidade pungente que entram em ação os projetos de extensão. Como uma forma de promover a equidade, estimular a participação social, a relação intra e extra-pessoal, bem como oportunizar o acesso à cultura corporal do movimento às pessoas com deficiência, foi criado o projeto BCR Cestou - ESEF, dentro do curso de Educação Física. A relação universidade-comunidade presente no projetor se encontra bem destacada na fala de Nunes e Silva (2011, p.120):

Funciona como via de duas mãos em que a universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e recebe dela influxos positivos de forma de retroalimentação, tais como suas reais necessidades, anseios e inspirações (NUNES e SILVA, 2011, p.120).

O projeto teve seu início em setembro de 2010 e tem como objetivo oportunizar inclusão e equidade a pessoas com deficiência físico-motora e intelectual, proporcionando aulas de introdução e iniciação ao basquete e treinamento da modalidade voltado ao aprendizado e à competição, atendendo às demandas biopsicossociais dos alunos e atletas. Além disso, enquanto projeto de extensão, oportuniza a qualificação de professores e discentes da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia, visando formar profissionais capazes de atender às demandas dos alunos com deficiência em suas futuras ocupações. A interação corpo docente-corpo discente-alunos do projeto propicia momentos de valiosa troca de experiências e aprendizado, culminando no sucesso do projeto desde sua implementação.

2. METODOLOGIA

Por se tratar de um público não tão numeroso, não há maiores processos seletivos e/ou sorteios para adesão ao projeto. Os possíveis novos alunos/atletas são introduzidos ao demonstrarem interesse, seja por meio de mensagens via redes sociais, seja por contato direto com a coordenação do projeto. Estes também iniciam sua participação de forma voluntária, após contato com o professor. As aulas do BCR acontecem atualmente às terças e quintas-feiras, das 16h30 às 19h, sendo o primeiro horário (das 16h30 às 17h30) destinado à Turma Iniciação, e o segundo à Turma Rendimento (das 17h30 às 19h). A parte inicial do projeto ocorre com a preparação dos materiais e equipamentos que serão utilizados em ambas as turmas, como as bolas específicas, cones variados, faixas com velcro para sustentação dos alunos/atletas e as cadeiras específicas para a prática do basquete em cadeira de rodas. A depender do perfil do ingressante, este é alocado na turma que melhor atenda suas demandas/características pessoais.

Na Turma Iniciação, as aulas têm teor mais didático e lúdico, enfatizando um ensino mais básico, visto que a turma é composta por alunos com maior comprometimento físico-motor e intelectual. As aulas são ministradas por uma professora licenciada em Educação Física cedida pela Prefeitura Municipal de Pelotas, que supervisiona os estagiários, os quais ficam encarregados de pôr em prática as atividades elaboradas, seguindo um modelo de rodízio entre os discentes. Quanto à Turma Rendimento, esta tem um viés mais avançado e competitivo, em razão de os atletas possuírem maior coordenação motora, menor comprometimento físico-motor, e ausência de deficiência intelectual. Parte dos alunos são amputados, enquanto outros sofreram acidentes que os levaram a paralisias e lesões medulares, por exemplo. O foco é maior no rendimento e treinamento em basquete com foco em participação em competições, as quais o grupo recentemente voltou a participar (mais precisamente, no ano de 2024, sendo a primeira delas na cidade de Santa Cruz do Sul). Os treinos são ministrados pelo professor coordenador do projeto ou alguns estagiários mais experientes. Atualmente, um planejamento fixo de mesociclo está em fase de testagem. De modo geral, os treinos possuem uma fase preparatória de organização dos atletas e seus acessórios em suas cadeiras específicas para jogo, fases de aquecimento, mobilidade e exercícios técnico-táticos, seguidos pelo jogo coletivo. A parte final do treino consiste em guardar as cadeiras e equipamentos na sala de materiais do *campus* da faculdade.

Ocasionalmente, palestras são ministradas pelos professores participantes, de forma a deixar os novatos a par das características funcionais dos alunos/atletas, especificidades de cada uma de suas deficiências e lesões, bem como o *modus operandi* do BCR. Como meio de promover e estimular a maior integração e entrosamento entre os participantes do projeto, além de promover momentos de lazer e recreação, são organizados encontros, geralmente no encerramento do ano do BCR. Vale ressaltar que, apesar do projeto não contar com nenhuma aluna/atleta do sexo feminino atualmente, os coordenadores não fazem qualquer distinção de sexo/gênero ao permitir o ingresso de novas pessoas no projeto, sendo que os próprios campeonatos disputados na região permitem a participação de times mistos nos jogos.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O projeto, que já existe há quase 15 anos, causa profundo impacto nas vidas das pessoas que por ele passam. Em razão de preservar a identidade e a privacidade destas pessoas, não serão citados nomes neste trabalho, mas alunos comentam que o basquete em cadeira de rodas salvou as suas vidas, pois a depressão que sentiram ao passar pelo doloroso processo de amputação, por exemplo, era muito presente e dominava-as. Outros relatam que não possuíam vida social ou grande quantidade de relacionamentos extra-pessoais antes de entrarem para o projeto, demonstrando o grande impacto na sociabilidade destas pessoas. Os ganhos motores e cognitivos também são evidentes, ganhando maior importância ainda na Turma Iniciação, devido às suas deficiências específicas. A possibilidade de prática de atividade física, muitas vezes negada ou dificultada para esta população em específico, é um dos maiores ganhos das pessoas que participam das aulas. A oportunidade de participarem de competições e conhecerem lugares e outras pessoas semelhantes a elas também é notável, sendo que se não fosse pelo projeto, raro seria o contato com outras PCDs. Tais impactos positivos são percebidos na gratidão que todos sentem por quem faz o BCR acontecer.

Imagem 1: aula de um dos estagiários do projeto (Turma Rendimento), em 2025



Há também o impacto causado na vida dos discentes, pois as experiências com o projeto e com o tema da inclusão é de enorme relevância em suas formações, visto que esta é uma oportunidade única de somar conhecimentos que certamente abriram todo um leque de caminhos distintos de oportunidades para quando ingressarem no mercado de trabalho. A experiência com o BCR

Cestou-ESEF é extremamente enriquecedora para todos aqueles envolvidos no projeto.

4. CONSIDERAÇÕES

Desde sua concepção, no ano de 2010, muitos foram os objetivos atribuídos ao projeto. Após tanto tempo decorrido, realizando uma análise crítica, é possível inferir que estes foram atingidos com grande êxito. Nota-se grandes avanços e ganhos motores, cognitivos e sociais dos alunos, tanto do primeiro grupo quanto do segundo. As evoluções também são autopercebidas, ou seja, relatos dos próprios atletas expressam o quanto os objetivos foram atingidos. Logo, os impactos biopsicossociais, do BCR são evidentes em todos aqueles que passaram, passam e passarão pelo projeto.

Outrossim, visíveis são as mudanças que o basquete em cadeira de rodas e a intervenção em si causam na vida dos alunos de graduação que participam do projeto. O expandir de horizontes e possibilidades de trabalho, a construção de uma visão de mundo que vai além das populações e oportunidades de trabalho “convencionais”, o contato com pessoas com relatos de vida que provavelmente não são os que estes alunos estão mais acostumados a conviver e a ampliação do repertório de aula e de prescrição de treinos: todos estes benefícios são oportunizados aos discentes que fazem parte do BCR Cestou-ESEF.

Todo o acima exposto evidencia o impacto extremamente positivo da universidade pública na vida da sociedade, bem como os benefícios da proximidade da extensão na comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALHUMAID, M. M. Atividade física e autoestima em pessoas com deficiência na Arábia Saudita. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo/SP, v. 30, p. 1-5, 2024.

NUNES A; SILVA, M. A extensão universitária no ensino superior e a universidade. **Mal-Estar e Sociedade**, Ano IV, n. 7, Barbacena, p. 119-133, 2011.

Imagens: PERUZZI, R. G. **Imagem 1**: aula de um dos estagiários do projeto (Turma Rendimento), em 2025. Pelotas, 2025.